

Meu amigo não é mais secreto: uma análise das estratégias de legitimação do discurso feminista no Facebook

Erika Cristina Dias Nogueira*

Resumo

Após séculos de apagamento das vozes femininas pela sociedade patriarcal brasileira, atualmente, as mulheres têm se apropriado do *site* de rede social digital Facebook para ecoarem suas falas com maior rapidez, facilidade e autonomia. A partir dessa utilização do Facebook, elas têm a chance de se autoexpressarem, realizarem trocas comunicativas e reflexões engajadas, que podem ser transformadoras de comportamentos e hábitos, principalmente machistas e misóginos. É nesse espaço comunicativo, altamente popular na atualidade e propício à atuação ciberativista, que analisamos discursivamente as denúncias de violência de gênero divulgadas durante a campanha “Meu amigo secreto”. A campanha foi um fenômeno, vindo a resultar em grande participação e repercussão na internet, discussões reflexivas *on-line* e *off-line* e, principalmente, um aumento das denúncias policiais de violência. Durante as análises dos *posts* divulgados por mulheres que se apropriaram da *hashtag* #MeuAmigoSecreto, verificamos que elas utilizaram em seus relatos estratégias de legitimação para situarem e alicerçarem seu lugar de fala, desde o emprego da ironia e do discurso de outrem, que pode garantir às enunciantoras a polidez no discurso e a preservação da face, passando pelas encenações descritivas, com traços narrativos e argumentativos, que visam a convencer o interlocutor sobre a gravidade da denúncia, posicionando-se contra o estereótipo e padrões machistas disciplinadores.

Palavras-chave: Discurso. Ciberativismo. Legitimação. Feminismo. Facebook.

My friend is no more secret: an analysis of the legitimizing strategies of feminist discourse on Facebook

Abstract

After centuries of women’s voices being wiped out by the Brazilian patriarchal society, women have appropriated the digital social networking site Facebook to echo their speeches with greater speed, ease, and autonomy. From this use of Facebook, they have the opportunity to express themselves, to hold communicative exchanges and engaged reflections that can be transformative for behaviors and habits, mainly sexist and misogynist. It is in this communicative space, highly popular nowadays and favorable to cyberactivism, that we discursively analyze the charges of violence against gender, exposed during the “Meu Amigo Secreto” (My Secret Friend) campaign. The campaign was a phenomenon, resulting in great participation and repercussion on the Internet, reflective online and offline discussions and, mainly, an increase in police reports of violence. During the analyses of the posts published by women who have appropriated the hashtag #MeuAmigoSecreto, we have verified that they have used strategies of legitimacy in their reports to situate and establish their place of speech, from the use of irony and the discourse of others, that can guarantee to the female enunciators politeness in their discourses and preservation of their faces; to descriptive scenarios, with narrative and argumentative features, aimed at convincing the interlocutor about the severity of the complaints, positioning themselves against the stereotype and disciplinary male chauvinist standards.

Keywords: Discourse. Cyberactivism. Legitimacy. Feminism. Facebook.

Recebido: 04/01/2018

Aceito: 14/05/2018

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutoranda em Estudos de Linguagens.

Introdução

Historicamente silenciadas pela sociedade patriarcal, as mulheres encontraram no *site* de rede social Facebook um espaço de expressão, reflexão e troca comunicativa que pode contribuir para a transformação de comportamentos e hábitos, principalmente machistas, a partir do uso e apropriação dessa ferramenta virtual. Tais mudanças na conduta da sociedade já podem ser notadas em casos específicos como o da campanha feminista “Meu amigo secreto”, objeto desta pesquisa. Essa campanha incentivou mulheres a divulgarem, em seus perfis no Facebook, pequenos textos em que descrevem sujeitos masculinos promotores da violência, da desigualdade de gênero e de outros tipos de preconceito, como o homossexual e o racial.

A campanha brasileira teve seu auge no “Dia internacional da não violência contra as mulheres”, celebrado em 25 de novembro de 2015, e fez um paralelo com a brincadeira típica de final de ano, o amigo secreto, expondo, através da *hashtag*¹ #MeuAmigoSecreto,² histórias autobiográficas ou de terceiros. Nesse caso, uma reflexão feminista foi provocada pela linguagem que denuncia, e, através da fala, mulheres tiveram a chance de promoverem o empoderamento feminino. Como resultado, a campanha feminista obteve grande participação e repercussão na internet, discussões reflexivas *on-line* e *off-line* e, principalmente, um aumento das denúncias policiais de violência.

Consideramos como feminista tal ação no Facebook, pois o movimento visa a conquistar a igualdade entre os gêneros. Similar é o objetivo da campanha “Meu amigo secreto”, que incentivou a autoexpressão política de mulheres para conquistarem maior visibilidade e terem seus pensamentos, sentimentos e vivências a respeito da violência de gênero expostos e compartilhados. Além de feminista, categorizamos tal campanha como ciberativista (PEREIRA, 2008), uma vez que se apropria de ferramentas da internet para desenvolver suas ações políticas, de forma simbólica.

Diante desse cenário de atuação ciberativista feminino, nosso objetivo é analisar discursivamente publicações de mulheres brasileiras reunidas na página da campanha feminista “Meu amigo secreto”, localizada no *site* de rede social Facebook. Para realizar o estudo, coletamos 23 *posts* do dia 25 de novembro de 2015, “Dia internacional da não violência contra a mulher”. A data foi escolhida por registrar o maior número de publicações da campanha.

Além de buscarmos relacionar e explicitar alguns aspectos da violência sofrida pela mulher no Brasil, procuramos, a partir das análises, compreender as estratégias discursivas utilizadas para a legitimação da causa feminista no ciberespaço e quais os aspectos históricos, culturais e sociais relacionados a essa causa. Dessa forma, podemos refletir sobre o empoderamento de mulheres que sofrem violência, promovido a partir do uso e apropriação do Facebook. Nossa base teórica e metodológica é composta, principalmente, por estudos da Análise do Discurso Francesa, do Ciberativismo e da Comunicação Digital.

1 A *hashtag* é uma palavra-chave antecedida de uma cerquilha (#), utilizada para indexar e contribuir para publicidade de assuntos. A *hashtag* é um tipo de *link* e tem a função retórica de induzir o leitor a uma página dentro do mesmo espaço da rede social Facebook.

2 A campanha foi criada pelo “Coletivo Não Me Kahlo” e não surgiu como uma ação planejada. Segundo o movimento, ela foi “uma construção coletiva e espontânea” (LARA *et al.*, 2016, p. 14) realizada a partir de diversas publicações compartilhadas pelo Coletivo no *site* de rede social Twitter com a *hashtag* #MeuAmigoSecreto, que chamavam a atenção para o machismo de pessoas próximas. Imediatamente após a publicação no Twitter, diversas mulheres começaram a enviar suas próprias histórias. A adesão cresceu ainda mais com a divulgação da campanha no Facebook. Nesse *site*, o uso da *hashtag* cresceu de forma acelerada, e milhares de mulheres compartilharam seus relatos.

1 As diversas faces da violência

Entendemos que a violência pode se apresentar, basicamente, nas formas física ou simbólica. A violência física é aquela que se configura em ação evidente, direta, que atinge, de forma agressiva, o corpo de uma vítima, de forma a causar dano à sua integridade física, e apresenta claramente um agressor e seu ato de agressão. Essa é a forma de violência mais agressiva e nítida. Já a violência simbólica, segundo Bourdieu (2002, p. 3), é aquela que se desenvolve na comunicação, através da linguagem, de forma “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas”. Para Bourdieu (2002), a violência simbólica contra as mulheres foi e é naturalmente perpetuada pela dominação masculina, imposta e vivenciada na sociedade há séculos. A não perpetuação dessa dominação se configura em um discurso de luta feminista que discutiremos no próximo tópico deste artigo.

Ainda a respeito da violência simbólica, Zizek (2014) revela algumas faces desse tipo de violência. Segundo ele, a violência simbólica repousa sob uma máscara de normalidade, que suaviza seus efeitos maléficis. Contudo, acredita que, mesmo que os sinais mais evidentes de violência sejam aqueles que se configurem em atos de crime e terrorismo, a violência através da linguagem também é “claramente identificável”. (ZIZEK, 2014, p. 17). Outra face de agressividade na violência simbólica pode ser percebida pela imposição de sentidos que é própria da linguagem, que denota um lado implícito e inerente à própria linguagem e contribui ainda mais para a naturalização desse tipo de violência. Segundo o autor:

[...] essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. (ZIZEK, 2014, p. 17).

Zizek (2014) aponta a face de agressividade que pode ser inerente à própria linguagem como uma contradição, uma vez que a linguagem, por si mesma, pressupõe uma socialização, sendo o “meio por excelência da não violência e do reconhecimento mútuo” (ZIZEK, 2014, p. 51), mas que, ao mesmo tempo, pode implicar uma violência pela imposição de um determinado universo simbólico pelo locutor. Para o autor, tal uso da linguagem visa a essencializar a realidade, condensando qualificações a partir de símbolos, imagens e atitudes, e aponta que “tal condensação, não podemos esquecer, é um fato fundamental da linguagem, da construção e imposição de certo campo simbólico”. (ZIZEK, 2014, p. 49). Essa face da linguagem pode atenuar a violência.

É certo que a violência na linguagem não ocorre de forma direta, ela é insinuada, realiza-se a partir de uma troca de palavras e, mesmo agressiva, “pressupõe um mínimo de reconhecimento da outra parte” (ZIZEK, 2014, p. 49). Porém, a redução e essencialização de uma realidade realizada pela linguagem descrita por Zizek (2014) são, por si mesmas, um fator violento, pois simplificam “a coisa designada, reduzindo-a a um simples traço”. (ZIZEK, 2014, p. 50). Ao apontar a linguagem por si mesma como violenta, Zizek (2014) reforça a ideia de violência dupla quando a agressão simbólica é realizada em um discurso, como também avigora o debate ao apresentar a possibilidade de irradiação de interpretações distorcidas quando um discurso é compartilhado, abrindo espaço para explosões de outros atos violentos.

2 O discurso contra a violência feminina

As mulheres, que sempre tiveram uma participação mínima ou inexistente nas esferas públicas, contabilizam décadas de exposição a violências físicas e simbólicas. Relegadas à denominação de

“pessoa de segunda categoria” (BOFF; MURARO, 2002), elas aprenderam a ler em alguns países somente no século XIX, o que era permitido apenas aos homens. Outros direitos, como ao voto, à herança e ao salário, foram reivindicados em 1848, quando houve uma manifestação de mulheres americanas e inglesas em prol de melhorias. Muitas vezes deslegitimado pela ordem patriarcal e machista dominante, o movimento feminista somente conseguiu ingressar na história a partir da segunda metade do século XX, para levar concretamente suas causas ao conhecimento da sociedade (BOFF; MURARO, 2002), uma ação que se perpetua até hoje.

No Brasil, o percurso histórico da luta feminista apresenta diversas nuances, demandas e enfrentamentos, desde a luta sufragista pelo direito ao voto feminino, passando pela conquista de direitos trabalhistas, de direitos reprodutivos até o combate à violência contra a mulher e a luta pela maior participação feminina na política (COSTA, 2007). Atualmente, Costa (2007) destaca o desenvolvimento de um novo movimento feminista. Uma identidade construída após o conhecimento de inúmeras demandas, da intensa pressão política em defesa das causas feministas, da interação com o Estado e, ao mesmo tempo, da conquista de maior autonomia e espaço político. O feminismo ganhou forças e hoje está nas ruas, mas, principalmente, no discurso das mulheres brasileiras. Por meio do discurso feminista, considerado aqui como contra-hegemônico,³ as mulheres têm a possibilidade de promoverem denúncias, reflexões e o empoderamento feminino. A intencionalidade de tal discurso é promover a igualdade de gênero, oferecendo novos pontos de vista e incitando novas interpretações, que se contrapõem ao universo simbólico criado pela dominação masculina.

Pelo discurso, as mulheres podem ser reconhecidas e ter voz na sociedade, conquistando uma legitimidade. Charaudeau (2013) considera a legitimidade como algo que necessita de um processo de legitimação para se tornar de direito e, uma vez conquistada, precisa passar, novamente e constantemente, pelos mesmos processos para que seja reforçada. A legitimidade é, assim, resultado de um reconhecimento pelos sujeitos de um grupo ou de uma sociedade. Ao chamado processo de legitimação fazem-se necessárias as “estratégias de legitimação” (CHARAUDEAU, 2013), a serem utilizadas taticamente nos discursos circulantes na esfera de visibilidade pública, que é, atualmente, midiaticizada, encenada e lugar em que o espetáculo ganha atenção da sociedade. O autor ainda destaca que tal legitimação é uma estratégia de discurso conduzida pelo sujeito falante. É ele quem constrói ou adquire uma posição de autoridade como locutor de enunciados legítimos e, para manter tal posição, precisa empregar recursos discursivos de legitimação para ser reconhecido por outros sujeitos.

Com o advento da internet e das formas de comunicação digital, como o Facebook, as mulheres ativistas ganharam um espaço adicional para promoverem a legitimação de seu discurso, através da autoexpressão de seus pensamentos e motivos de luta. Miller e Sheperd (2012) apontam que, desde o aparecimento dos *blogs*, percebemos um crescimento na utilização dos espaços virtuais para desenvolver a autoexpressão. Segundo as autoras, esses espaços possuem uma natureza confessional, sendo assim, ideais para a autoexpressão em prol da autoexposição de sujeitos e enunciados.

A tecnologia proporcionada por essas ferramentas, como o Facebook, permite formar um espaço discursivo de troca comunicativa para debates públicos importantes que podem, assim, provocar transformações a partir de seus usos e apropriações. Tal caráter conversacional permite que ciberativistas se apropriem do espaço virtual como forma de mobilização estratégica em prol de suas causas de transformação coletiva. No Facebook, a conversação é facilitada pelas ferramentas e recursos interativos do *site*. A ciberativista tem a chance de expor seu discurso por meio de um perfil,⁴ desenvolvido exclusivamente para que ela publique seus *posts* e irradie seu discurso feminista,

3 Consideramos o conceito do filósofo marxista Gramsci, que classifica o “contra-hegemônico” como forma de resistência ao poder dominante.

4 Como perfis consideramos o conjunto de fotos, histórias e experiências compartilhadas por usuários do Facebook em um espaço exclusivo para contarem suas histórias. Segundo Recuero (2014a), os perfis são estratégias de presença na

como também provoque conversações por meio de interação com os comentários, espaço também proporcionado pelo *site*.

Importante destacar que a conversação no Facebook é de um tipo diferente da que conhecemos no espaço físico, pois apresenta formato subvertido, hipermidiático, híbrido e reconstruído para as redes sociais. (RECUERO, 2014a). Uma conversação é um tipo de interação virtual proporcionada, predominantemente, pela linguagem escrita informal e digitada. Além disso, tal conversação virtual possui elementos que antes eram típicos da conversação oral e foram apropriados pela internet. Também foram incorporados elementos que concederam à conversa “dimensões da oralidade” (RECUERO, 2014a, p. 46), otimizando o entendimento da mensagem ao “indicar elementos que são essenciais para a ‘tradução’ da língua escrita em língua falada, como elementos que dão dimensão prosódica da fala e elementos não verbais, como gestos e expressões”. (RECUERO, 2014a, p. 46). Dentre esses elementos, podemos destacar os *emoticons*,⁵ as informações gráficas com imagens, as repetições de letras e, atualmente, as *hashtags*, recurso para tornar pública alguma temática relevante, como a #MeuAmigoSecreto, estudada aqui neste artigo.

3 Análises discursivas dos posts no Facebook

Os textos divulgados pela campanha #MeuAmigoSecreto repousam sob a máscara da tradicional brincadeira de fim de ano “amigo secreto”. Configuram-se em denúncias que revelam as diversas faces de uma violência contra a mulher, seja ela física ou simbólica. Diferentemente da brincadeira, na campanha, o agressor não é revelado, nem no início nem no fim dos relatos. Contudo, as ações violentas são descritas em um processo de construção subjetiva do mundo. (CHARAUDEAU, 2012). Por vezes, as vítimas também são descritas, principalmente quando a escrita é autobiográfica, revelando textos íntimos, desvendados no Facebook. Como podemos notar nos textos abaixo:

Figura 1 - Post da campanha #MeuAmigoSecreto

#Meuamigosecreto disse que eu deveria me vestir como mulher, usar maquiagem e evitar o cabelo curto.

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto>

Figura 2 – Post da campanha #MeuAmigoSecreto

#meuamigosecreto já trabalhou comigo. Em posição de chefe, se achava no direito de apontar minhas roupas e decotes com comentários grotescos. Nunca respondi...

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto>

Nos posts das FIG. 1 e FIG. 2 e em todos os outros posts coletados, notamos que as locutoras expõem seu discurso através de enunciados que se apresentam de forma descritiva. A descrição é o recurso utilizado também na brincadeira de fim de ano “amigo secreto”. Nela, a intenção do enunciador é descrever, perante um grupo social, seja do trabalho, da escola ou da família, um amigo que será presenteado. Utilizando a etiqueta “meu amigo secreto”, o sujeito enunciador revela seu amigo oculto a partir da exposição do que ele considera serem qualidades e ações do presenteado.

Uma descrição, segundo Charaudeau (2012), é um texto organizado discursivamente de forma descritiva. O ato de descrever, conforme Charaudeau (2012, p. 111), “consiste em ver o mundo com

rede, que delimitam os atores e participantes de uma conversação e podem constituir-se nelas.

⁵ Segundo Recuero (2014a, p. 47), os *emoticons* são “conjuntos de caracteres do teclado que simbolizam expressões faciais”.

um ‘olhar parado’ que faz existirem os seres ao *nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes* qualidades que os singularizam”. E é, precisamente, dessa forma, que as enunciatórias, ou descritoras, constroem suas enunciações nos *posts* da campanha #MeuAmigoSecreto. Observamos que, nos *posts*, a descrição é organizada em torno, principalmente, da investida em nomear um ser, classificando-o como “meu amigo secreto”. Segundo Charaudeau (2012, p. 112), nomear classifica seres em função de uma semelhança (secreto), fazendo com que um “ser seja” e provocando certos procedimentos de identificação, como “informar”.

Além de identificar os sujeitos secretos, mesmo sem citar seus nomes próprios, algumas descrições nos *posts* visam a qualificar tais seres, como observamos na FIG. 2. Para Charaudeau (2012, p. 115), qualificar é atribuir “um sentido particular a esses seres”, classificando-os como “chefe” (FIG. 2), por exemplo. A atribuição é realizada pela enunciatória, que, segundo Charaudeau (2012, p. 115), satisfaz seu “desejo de posse do mundo: é ela que o singulariza, que o especifica, dando-lhe uma substância e uma forma particulares, em função da sua própria visão das coisas”.

É a partir do ponto de vista da enunciatória que as qualidades do amigo secreto são reveladas. Elas apostam em denúncias contra os seres construídos na enunciação. Em uma análise da encenação descritiva (CHARAUDEAU, 2012) apresentada nas FIG. 1 e 2, podemos interpretá-la como provocadora de possíveis “efeitos de confiança” (CHARAUDEAU, 2012, p. 141), pois são descrições em que há a intervenção explícita do um descritor, “que é levado a exprimir sua apreciação pessoal”. (CHARAUDEAU, 2012, p. 141). Com tal estratégia descritiva, as enunciatórias revelam suas reflexões pessoais a respeito de um acontecimento negativo para elas.

O ambiente virtual do Facebook parece ser um local propício para que os relatos pessoais se desenvolvam. Discursos de si, narrativas autobiográficas e textos testemunhais são encontrados em larga escala no *site*, permitindo “ao cidadão comum não só se manifestar, mas também assumir papéis diferentes que geralmente só seriam possíveis pela ocupação de algum poder institucional” (EMEDIATO, 2015, p. 182). Uma possibilidade de maior visibilidade e irradiação de discurso que, como já apontamos aqui, é utilizada pelo ciberativismo de forma positiva, que demonstra uma face argumentativa (EMEDIATO, 2015) das enunciações, mesmo apresentando descrições.

Com o advento do Facebook, esse apetite confessional ganha mais amplitude e popularidade devido à facilidade de compartilhamento oferecida pelo *site*. Tais características do discurso digital podem ser notadas nos *posts* analisados. Eles se constituem em formas descritivas de enunciar o discurso, mas que não deixam de apresentar uma face argumentativa para convencer o interlocutor sobre a negatividade da denúncia apresentada, legitimando, implicitamente, um ponto de vista feminista. Notamos também que alguns *posts* são, explicitamente, descrições narrativas (CHARAUDEAU, 2012, p. 239), uma estratégia discursiva argumentativa também encontrada durante a análise dos relatos, como no exemplo abaixo:

Figura 3 – Post da campanha #MeuAmigoSecreto

#meuamigosecreto é visto por todos como um cara legal e tranquilo, mas já enforcou a namorada e disse que não fazia sexo com ela por ela estar gorda.

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto>

A descrição narrativa é uma estratégia discursiva do Modo de Organização Argumentativo⁶ (CHARAUDEAU, 2012) que visa a persuadir o interlocutor, reforçando uma prova ou produzindo-a. Notamos, na enunciação da FIG. 3, que as provas estão em “enforcou a namorada” e em “disse que

⁶ Conforme Charaudeau (2012), o Modo de Organização Argumentativo é a mecânica que permite a construção das argumentações de diversas formas, organizando a lógica argumentativa e estabelecendo uma prova de encenação argumentativa.

não fazia sexo com ela por estar gorda”. Ao apresentar tais provas, o interlocutor pode ser convencido a acreditar que o amigo secreto não é o “cara legal e tranquilo” que qualifica na primeira frase, mas sim um agressor. Na enunciação, tal descrição narra os acontecimentos agressivos a fim de exemplificar uma ação violenta, qualificando negativamente o amigo secreto.

A argumentação também é sustentada pela estrutura do *post*, que contribui para a persuasão com o uso da *hashtag* #MeuAmigoSecreto no início de todos os textos. Tal *hashtag* colabora para a irradiação do discurso feminista, uma vez que seu uso massivo, conforme Recuero (2014b), indica apoio em grande escala. Consoante Recuero, Emediato (2015, p. 185) diz que a irradiação que ocorre pela apropriação da etiqueta #MeuAmigoSecreto é um fenômeno encontrado nas redes sociais digitais pela ação de compartilhamento.

A fim de se tornarem visíveis e conquistarem a legitimação de seus discursos de denúncia, apresentando explícita e implicitamente um apoio ao feminismo, é que as enunciantoras nos *posts* da campanha “Meu amigo secreto” se apropriam de estratégias discursivas como as apresentadas nas análises acima. Nos tópicos a seguir, continuaremos a análise do discurso nos *posts* coletados de #MeuAmigoSecreto, entendendo como são construídas as descrições da campanha e revelando quais as possíveis estratégias de legitimação do discurso no Facebook.

3.1 Agressores e vítimas são revelados

Ao analisarmos os *posts* das FIG. 1 e FIG. 3, notamos que a descrição do amigo secreto se dá a partir de sua ação de “dizer”, um verbo denominado *dicendi*. Os verbos *dicendi* têm o objetivo de declarar algo e podem criar “um efeito de autenticidade” (MAINGUENEAU, 2004, p. 141) a partir do relato da fala do outro, quando utilizados nos discursos diretos. Notamos que, não só nos *posts* das FIG. 1 e FIG. 3, mas na maioria dos *posts* coletados, os verbos utilizados no ato de linguagem com a intenção de descrever os sujeitos secretos são os *dicendi* (ex.: “disse” e “falou”). “Dizer” pode sugerir também, segundo Maingueneau (2004), um distanciamento do locutor, uma busca pela objetividade e pela neutralidade, utilizado quando o locutor visa a indicar a autoria de uma declaração, isentando-se do discurso. Quando a enunciantora escreve, em sua publicação, que o amigo secreto “disse”, ela atribui ao relator, e não a ela, a responsabilidade da fala.

Mesmo que, na FIG. 1, a enunciantora apresente um texto autobiográfico, destacando algo que aconteceu a si própria e que a acometeu significativamente, levando-a a denunciar em rede social, sua iniciativa principal é evidenciar a fala de um outro sujeito, apresentando seu ponto de vista a respeito do acontecido. Isentando-se na fala e apoiando-se no “dizer” de outro locutor, a enunciantora utiliza o discurso de outrem como estratégia de polidez, garantindo uma preservação de sua face ou “fachada”. (GOFFMAN, 2011).⁷

Ela revela o comportamento de um agressor, ocultando seu nome próprio, porém qualificando-o como “meu amigo secreto”, o que pode denotar certa ironia, pois evidencia um contraste entre o “real” e o aparente. O recurso irônico é uma forma menos agressiva para se dirigir a alguém de forma implícita, uma estratégia textual que possui um caráter defensivo em que “há um efeito de *não assumir* a enunciação por parte do locutor e de discordância em relação à fala esperada em tal tipo de situação”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 291, grifo nosso). Sob a etiqueta do “amigo secreto”, as mulheres direcionam, de forma irônica, a fala ao agressor “amigo”, assegurando a polidez do discurso e preservando sua face. Porém não deixam de se posicionar contra as ações e

⁷ O conceito de preservação da face e fachada é inaugurado por Goffman (2011) e reutilizado por Maingueneau (2004) em seus estudos. Goffman (2011, p. 20) define o conceito: “A preservação da fachada serve para neutralizar ‘incidentes’ — quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada”. Maingueneau (2004) complementa explicando que a teoria das faces é aquela que estuda os fenômenos de polidez de um ato de linguagem.

agressores, revelando-os a partir de seu ponto de vista feminista e provocando um ataque à face do interlocutor, pois a construção irônica possui uma “força subversiva”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 178).

A estratégia irônica pode ser encontrada em todos os *posts* que utilizam a *hashtag* #MeuAmigoSecreto. Investir em uma polidez e na preservação da face parece ser fundamental, principalmente, para as enunciatóricas que são vítimas, como na FIG. 1, e correm o risco de serem ameaçadas pela visibilidade do *post*. A enunciatórica da FIG. 1 denuncia a violência simbólica sofrida a partir da imposição de um universo simbólico que é próprio do sujeito agressor. Segundo a enunciatórica, o amigo secreto a agride verbalmente ao dizer que ela deveria se vestir como mulher, nos padrões do que ele acredita “ser mulher”. O interlocutor não conhece o agressor, porém pode interpretar, a partir de sua fala citada, que ele não considera que a enunciatórica da FIG. 1 se vista como mulher. O amigo secreto parece indicar seu ponto de vista do que é “ser mulher”, a partir da representação socialmente construída sobre o gênero, indicando o que seria uma oposição ao “feminino” para ele. Algo em relação ao qual o movimento feminista é contrário, uma vez que defende a desconstrução da binariedade entre os gêneros e incentiva a igualdade.

Cabe ressaltar aqui que as representações sociais são discursos de conhecimento e de crença, coletivos, que constroem “uma consciência de si” a partir de uma “identidade coletiva”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 433). As representações configuram-se em discursos sociais “que testemunham, alguns, sobre o saber de conhecimento sobre o mundo, outros, sobre um saber de crenças que encerram sistemas de valores dos quais os indivíduos se dotam para julgar essa realidade”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 433).

A representação social de um corpo “feminino” produz a imposição de um determinado padrão de beleza dominante que exige que a mulher, segundo Lara e outros (2016, p. 29), “arranque os pelos que cobrem o corpo, esconda suas ‘imperfeições’ com espessas camadas de maquiagem e trave uma batalha perdida contra o tempo”. É uma representação que estabelece como padrão o homem e coloca o corpo feminino como deficiente. A mulher que atua contra tal “projeto disciplinar da feminilidade” (LARA *et al.*, 2016) e que não valoriza o treinamento para agradar os olhares externos é desvalorizada e repelida, “considerada relaxada, feia ou ‘igual a um homem’” (LARA *et al.*, 2016, p. 29), similarmente ao que vimos na FIG. 1.

No caso da FIG. 1, podemos interpretar que é acionada, no discurso do amigo secreto, uma representação social do que é ser mulher de acordo com as crenças de uma sociedade brasileira historicamente patriarcal, que constrói um sistema de gênero centrado no masculino e envolve, como já descrevemos, a imposição de um padrão disciplinar feminino, construindo um estereótipo de mulher. Por meio do estereótipo, o discurso é naturalizado, torna-se senso comum, fazendo sobrepor somente o que é evidente, baseado em crenças culturais. Esse tipo de estratégia no discurso pode ser simbolicamente violento, pois institui representações cristalizadas, tidas como universais e unificadas, excluindo a diferença.

Entendemos, portanto, que o enunciado da FIG. 1 evidencia que o agressor constrói um estereótipo de mulher, de acordo com a representação social do que é ser mulher, e parece indicar que a enunciatórica está no oposto disso, em um aspecto levantado como negativo. Amaral (2014) aponta que as práticas corporais femininas, como as roupas, estiveram, historicamente, submetidas a “diversas formas de controle”, sendo “objeto de perpétua suspeita”, configurando-se em uma vinculação do corpo e das práticas corporais com a mulher, que passa a ser vítima do corpo. “As mulheres estiveram e ainda estão intensamente atreladas ao corpo, na medida em que são comumente definidas a partir de um binômio entre imanência e transcendência que determina o que é ser homem ou mulher”. (AMARAL, 2014, p. 134).

O controle das roupas e da corporeidade feminina é visto como de ordem machista pelas feministas e destacado como negativo na FIG. 1, pois limita a liberdade de escolha das roupas, impõe padrões estéticos ao gênero e traz somente um sentido ao que é ser mulher, configurando-se, assim, como uma ação de violência simbólica. A mesma temática é abordada na FIG. 2, quando também, em um *post* autobiográfico, a enunciativa descreve seu amigo secreto como um ex-chefe que destacava seu jeito de vestir em tom negativo. A descrição das falas do amigo secreto parece ter ainda uma conotação sexual, uma vez que a enunciativa ressalta o substantivo “decote” em sua enunciação. Amaral (2014) diz que, comumente, o corpo é “transformado em sexo”, o que indica a objetificação da mulher, vinculando-a ao corpo, à sua exposição declarada e ao seu culto, impostos “como verdades sobre a construção dos sujeitos” (AMARAL, 2014, p. 133).

Os testemunhos revelados nas FIG. 1 e 2 são autobiográficos, porém, ao observarmos todos os *posts* coletados, notamos que poucos investem em uma escrita de si (6 *posts*), muitos são aqueles que citam somente o discurso de outros, como na FIG. 3. Nesse caso, a vítima não tem nome, apenas é qualificada pela enunciativa como “namorada” e pela citação da fala do agressor como “gorda”. A encenação descritiva, na FIG. 3, pode provocar um “efeito de saber” (CHARAUDEAU, 2012, p. 139) no interlocutor. Ao utilizar tal efeito, a enunciativa se coloca como um “descriptor sábio”, produzindo, em seu discurso, “uma série de identificações e de qualificações que, presumivelmente, o sujeito leitor não conhece”. A intenção da enunciativa, na FIG. 3, parece ser convencer o interlocutor sobre o caráter do agressor, revelando sua face negativa. Ao mesmo tempo, ela expõe uma vítima pelas qualificações propostas e narra o que ela já vivenciou, em um processo argumentativo de conquista do interlocutor pela emoção.

A estratégia discursiva da busca pela emoção é definida como *pathos*⁸ e é considerada uma noção “[...] utilizada para assinalar as discursivizações que funcionam sob efeitos emocionais com fins estratégicos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 372). Avaliada como uma estratégia de apelo à emoção, o *pathos* pode ser incitado no *post* da FIG. 3, no relato de enforcamento contra a vítima e no xingamento. Cabe ao interlocutor uma emoção de indignação ou raiva contra o amigo secreto, revelado um agressor. O leitor também pode sentir uma identificação solidária com a vítima de violência física e simbólica, pois pode entender que ambas as agressões são graves e deixam marcas nas mulheres agredidas, muitas vezes, irreparáveis.

3.2 Agressões físicas e simbólicas são descritas

Além de revelar denúncias de agressões físicas contra a mulher e preconceito com relação ao corpo e às roupas, os *posts* analisados revelam outras formas de violência, como as que analisaremos neste tópico. Uma primeira temática partilhada é a domesticidade da mulher (FIG. 4 e 5), um tipo de assujeitamento feminino ao universo simbólico doméstico a partir da representação social histórica do que é ser mulher. O código social da domesticidade é imposto à mulher há séculos e ainda encontra raízes na atualidade, conforme Swain:

Tudo se passa como se lavar roupa, louça, cuidar de crianças, da casa, fossem tarefas absolutamente incompatíveis com a dignidade do homem, digo, do pênis. E as mulheres aceitam isto como um dado, como se fosse impossível mudar as relações entre os seres, fundar uma nova articulação social onde todos fossem responsáveis por todas as tarefas. Que assujeitamento cego é este que aceita uma divisão de trabalho iníqua, em nome de quê? A resposta é simples: em nome da ordem do pai, do pênis, do patriarcado (SWAIN, 2014, p. 41).

8 O conceito de *pathos* foi elaborado pelo filósofo grego Aristóteles, na retórica clássica, e é empregado no estudo da argumentação, juntamente com os conceitos de *logos*, que se refere à argumentação ou ao discurso em si mesmo, e *ethos*, que constitui o caráter do orador e sua influência no auditório. Aristóteles considerava que um discurso sempre poderia ser analisado a partir dessas três estratégias discursivas, que são os meios de persuasão pelo discurso.

A domesticidade da mulher promove a desigualdade dos gêneros a partir da determinação de uma ordem patriarcal. Ela é baseada em construções sociais e históricas que determinam o que deve fazer parte de uma essência feminina. Testemunhamos, desde cedo, as meninas aprendendo a cuidar da casa, enquanto seus irmãos estão brincando. Isso pode ser ilustrado por Lara e outros (2016, p. 17) quando apontam: “Um estudo realizado com brasileiras de 6 a 14 anos concluiu que 81,4% delas arrumam sua própria cama, enquanto apenas 11,6% dos meninos fazem o mesmo”. Os dados mostram a desigualdade na cobrança de afazeres domésticos. As mulheres dedicam mais tempo à tarefa, e a exigência é maior, o que torna o afazer doméstico uma ocupação tradicionalmente feminina.

A imposição da domesticidade é denunciada na campanha feminista por ser motivo de violência entre as mulheres. Sofrem tanto aquelas que conseguem se libertar de tal determinação histórica e naturalizada, sendo consideradas “desleixadas” ou “inadequadas”, quanto aquelas que vivem insatisfeitas sob esse padrão doméstico e não conseguem sua emancipação, vivendo sob nenhum *status*. Podemos notar tal realidade nos *posts* abaixo a partir da exposição dos dizeres de sujeitos secretos agressores: “Não sabe cozinhar, não serve pra casar” (FIG. 4), “Acha que afazeres domésticos é só obrigação das mulheres” e “Tirar o prato da mesa quando ele acaba as refeições é trabalho da mulher” (FIG. 4).

Figura 4 – Post da campanha #MeuAmigoSecreto

#Meuamigosecreto diz que mulher que não sabe cozinhar não serve pra casar. Ele mora com a mãe, pois não ganha o suficiente pra pagar um aluguel sozinho.

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto>

Figura 5 – Post da campanha #MeuAmigoSecreto

#meuamigosecreto acha que afazeres domésticos é só obrigação das mulheres, ele trabalha fora e paga todas despesas, e tirar o prato da mesa quando ele acaba as refeições é trabalho da mulher. Se a mulher trabalha fora tem que cuidar da casa também. Já ele não pode ajudar.

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto>

Nas FIG. 4 e 5, notamos denúncias de violências simbólicas a partir da descrição de falas agressivas e também algumas incoerências no comportamento do amigo revelado, que pode ser julgado por suas ações. As incoerências se demonstram nas falas não só nos *posts* acima, como também na maioria dos relatos analisados (14 *posts*), revelando ser uma estratégia discursiva comum na campanha para desqualificar o agressor.

Na FIG. 4, a incoerência do agressor é revelada na descrição “ele mora com a mãe, pois não ganha o suficiente para pagar um aluguel sozinho”, provocando o conhecimento de um sujeito que não representa socialmente o “homem para casar”. A construção descritiva da enunciadora apresenta dois discursos opostos, dividindo o que o agressor faz (mora com a mãe) do que ele fala (julga a mulher que não sabe cozinhar). Ao interlocutor, por sua vez, cabe identificar a incoerência entre a ação e a fala. Ele pode interpretar que um sujeito que não se encaixa na representação social de “homem para casar” acaba julgando as “mulheres para casar” de acordo com essa representação social que constrói um estereótipo do ser mulher, como vimos na FIG. 1. Ao apresentarem as incoerências, as enunciativas investem em uma comparação implícita com aquilo que acreditam ser o coerente. Há uma empreitada em desqualificar o sujeito, o que pode contribuir para a deslegitimação desse tipo de ponto de vista machista.

Outra temática partilhada nos *posts* é a do preconceito no trabalho, como podemos notar na FIG.6:

Figura 6 – Post da campanha #MeuAmigoSecreto

#meuamigosecreto falou que eu não poderia ser programadora, pois mulher (bonita) não tem inteligência para isso. Segura meu diploma em Sistemas. ;)

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto>

A agressão simbólica é confidenciada no texto autobiográfico pela negação descrita na passagem “mulher (bonita) não tem inteligência para isso”. A violência é declaradamente de um amigo secreto que incita uma fala preconceituosa contra a vítima, que é a própria enunciativa. Similarmente aos posts anteriores (FIG. 4 e FIG. 5), na FIG. 6, a mulher é vista como fraca e inapta e colocada em uma posição desigual de inferioridade com relação ao homem. O amigo secreto se coloca como superior e preconceituoso ao dizer que uma mulher não pode ser programadora, o que demonstra que ele considera ser uma profissão somente destinada aos homens. Encontramos no *post* traços do que Bourdieu (2002) diz serem marcas de uma dominação masculina, patriarcal e machista, construída historicamente pela divisão social dos papéis do homem e da mulher. O amigo secreto parece defender tal discurso dominante que vê o masculino como padrão de qualidade, desvalorizando o feminino.

Para sustentar a denúncia do preconceito e referendar uma defesa feminista pela igualdade de gêneros, podemos notar que a ciberativista da FIG. 6 utiliza algumas estratégias na encenação de seu discurso. Primeiro, ela apresenta a descrição do que o agressor disse: “que não poderia ser programadora”, que vem seguida de um esclarecimento: “pois mulher (bonita) não tem inteligência para isso”. Ela utiliza esse tipo de “descrição para explicar” (CHARADEAU, 2012, p. 145) a fim de definir e deixar claro o porquê de o amigo secreto ter dito que não poderia exercer a profissão. É uma empreitada argumentativa que visa a convencer o interlocutor e não deixar dúvidas de que o agressor cometeu um ato de violência simbólica.

A última frase da enunciativa também sustenta sua descrição com uma provocação ao amigo secreto demonstrada em “Segura meu diploma em Sistemas”. Mesmo predominantemente descritiva, qualificando agressor, ação e vítima, o *post* da FIG. 6 utiliza o *pathos*, uma estratégia argumentativa de incitação à emoção. No caso, a incitação é dirigida ao amigo secreto, em uma empreitada combativa.

Considerações finais

Ao lermos e analisarmos os discursos denunciatórios de mulheres no Facebook, compartilhados durante a campanha #MeuAmigoSecreto, podemos concluir que a violência reside no afeto. Os agressores de mulheres são, muitas vezes, aqueles que estão próximos às vítimas. Nos *posts* da campanha, eles são qualificados, devidamente julgados e expostos. Sem nome, sem face, os agressores são apenas identificados como “amigo secreto”, incoerentes, disfarçados e agressivos, que atuam violentamente, às vezes sob a máscara de uma amizade ou de um amor. Já as vítimas são apresentadas, em algumas ocasiões, como inertes diante das atrocidades acometidas, agredidas sem possibilidade de reação, outras vezes, como combativas e ativas diante do acontecido. Com essas qualificações, são reveladas as diversas faces da agressão a partir de uma descrição que pode conter traços narrativos ou argumentativos.

As ações agressivas relatadas nos *posts* são diversas e abordam temáticas antes veladas e silenciadas, como a domesticidade, a representação social negativa da mulher, a imposição de padrões patriarcais e a cultura do estupro. Verificamos, durante a pesquisa, que as mulheres, sejam elas militantes ou não do feminismo, utilizaram em seus relatos estratégias de legitimação para revelarem as faces da violência de gênero e situarem seu lugar de fala feminista. Desde as estratégias irônicas e de discurso

de outrem, ambas que garantem a polidez do discurso e a preservação da face, até as encenações descritivas, com traços narrativos e argumentativos, que visam a convencer o interlocutor sobre a gravidade da denúncia, posicionando-se contra o estereótipo e as construções sociais patriarcais e excludentes e apresentando traços de uma linguagem militante.

Neste estudo, também explicitamos ações e agressores contra as mulheres e conhecemos as temáticas defendidas pelo feminismo, bem como refletimos sobre o uso do Facebook como ferramenta para o empoderamento feminino. As mulheres encontram um espaço para libertarem suas vozes oprimidas, denunciando violências simbólicas ou físicas, por vezes, extremas, como nos casos de estupro. Mesmo desacreditado pelos mais críticos, que denominam o ciberativismo, de forma pejorativa, como “ativismo de sofá”, notamos o quanto é importante essa nova forma de autoexpressão ativista que oferece uma arma adicional para a luta de minorias, possibilitando maior espaço para a visibilidade e a legitimação de causas. Um novo ativismo construído por ações coletivas que promovem a criação de estratégias de resistência através da linguagem e do descongelamento de enquadramentos negativos.

Mesmo que de forma rápida, esse tipo de campanha contribui para a quebra de um silêncio. O Facebook teve um papel fundamental na circulação das falas feministas. O *site* foi utilizado como um espaço de refúgio, onde as mulheres se sentiram à vontade para divulgarem seus relatos. Podemos concluir, a partir disso, que o Facebook possui um grande potencial transformador, pois é lugar de identificação, reconhecimento e representatividade de minorias. Um espaço tecnológico virtual que evidencia tensões da sociedade, contribui para a circulação de sentimentos, tendências, denúncias e permite a pluralidade de vozes, construindo uma rede de sentidos que pode modificar padrões negativos solidificados.

Referências

- AMARAL, Marcela. Culto ao corpo e estilo de vida: práticas estéticas e magreza entre mulheres. In: STEVENS *et al.* (Org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas** [livro eletrônico]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 133-148.
- BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro de diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em: <<http://goo.gl/vYla9k>>. Acesso em: 28 mar. 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO *et al.* (Org.). **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, 2007. p. 51-82.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Minidicionário do discurso eletrônico-digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- EMEDIATO, Wander. Discurso e *web*: as múltiplas faces do Facebook. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 171-192, jul./dez. 2015.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LARA, Bruna de *et al.* **#Meu Amigo Secreto: feminismo além das redes / [Não me Kahlo]**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3.ed. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva. São Paulo: Cortez, 2004.
- MILLER, Carolyn R.; SHEPERD, Dawn. Blogar como ação social: uma análise do gênero *weblog*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). **Gênero textual, agência e tecnologia: estudos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 59-84.
- PEREIRA, Marcus Abílio. **Cyberactivismo e democracia: movimentos sociais e novos repertórios de ação**. 2008. 221 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2008.
- RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014a.
- RECUERO, Raquel. Contribuições da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na internet: o caso das hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras**, v. 16, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014b.
- SWAIN, Tania. Por falar em liberdade... In: STEVENS *et al.* (Org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas** [livro eletrônico]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 36-51.

ZIZEK, Slavoj. **Violência:** seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.